

# REPRESENTATIVIDADE SOCIAL DA IRMANDADE E CEMITÉRIO SÃO MIGUEL E ALMAS NA SECULARIZADA E REPUBLICANA CIDADE DE PORTO ALEGRE/RS<sup>1</sup>

Mauro Dillmann<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo apresentar o perfil social da Irmandade São Miguel e Almas de Porto Alegre/RS nas primeiras décadas do século XX, destacando as atuações sociais e redes de relações de alguns de seus integrantes, em especial, dos que foram sepultados no cemitério que ela mantinha. Em um período em que a secularização dos cemitérios já se encontrava consolidada, a manutenção de um espaço privado e cristão de enterramentos garantiu, a este grupo social católico porto-alegrense, a continuidade de práticas fúnebres tradicionais, como pudemos constatar na análise que fizemos dos documentos do acervo da Irmandade. O estudo sobre a instalação, a evolução e as especificidades do cemitério São Miguel e Almas se insere na discussão que vem sendo realizada em âmbito latinoamericano sobre a criação de necrópoles privadas católicas em um contexto laico e republicano.

**Palavras-chave:** Irmandade São Miguel e Almas, Cemitério, Secularização, Perfil Social.

**Abstract:** This article aims to introduce the social profile of Brotherhood São Miguel e Almas of Porto Alegre in the first decades of the twentieth century, emphasizing the social performances and networks of relationships of some of its members, especially those who were buried in the cemetery that it owned. At an age in which the secularization of cemeteries was already consolidated, keep a private and christian place of burials, assured to this catholic social group from Porto Alegre the continuity of traditional burial practices, as we have seen in the analysis we have made of the collection of documents of the Brotherhood. The study about the facilities, evolution and the features of São Miguel e Almas Cemetery gets inserted in the discussion that is being held in the Latin American about the creation of private catholic necropolises in a laic and republican context.

**Keywords:** Brotherhood São Miguel e Almas, Cemetery, Secularization, Social Profile

## Introdução

Nos primeiros anos do século XX, surgia na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, um cemitério católico privado. Tratava-se do cemitério São Miguel e Almas, fundado em 1909, propriedade de uma Irmandade religiosa homônima, que mantinha suas atividades religiosas e assistenciais em funcionamento desde a sua fundação, no século XVIII.

<sup>1</sup> Este texto é parte da pesquisa, em fase conclusiva, do doutoramento em História realizado na Unisinos/RS e financiado pela CAPES.

<sup>2</sup> Doutorando em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos/RS. Membro do Grupo de Trabalho/RS *História das Religiões e Religiosidades* e do Grupo de Pesquisa/CNPq *Imagens da Morte: a morte e o morrer no mundo Ibero-Americano*. E-mail: maurodillmann@hotmail.com

Nas primeiras décadas do século XX, a cidade de Porto Alegre esteve sob um continuísmo político do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), principalmente entre 1897 e 1924, quando o engenheiro José Montaury, o “eterno intendente”, foi eleito por sete mandatos consecutivos (Bakos, 1996:48). Nesse período, inúmeras foram as mudanças urbanas pelas quais passou a cidade, como por exemplo, alargamentos das ruas e avenidas centrais, pavimentação e arborização, de acordo com as ideias de higiene e estética vigentes na época. Tais melhoramentos ocorreram a partir do projeto urbano desenvolvido na década de 1910, que pretendia transformar a estrutura física da cidade com implementação de variadas obras de modernização<sup>3</sup> (SOUZA, 2010: 17).

Foi neste impulso modernizante que se desenvolveram as atividades cemiteriais da Irmandade São Miguel e Almas a partir da construção do seu próprio cemitério. No entanto, de longa data, a instituição já se dedicava ao trabalho fúnebre na cidade, considerando que na segunda metade do século XIX adquiriu propriedade cemiterial no interior do cemitério público da Santa Casa de Misericórdia, posteriormente chamado pelos irmãos de “Cemitério Velho”. Mas em 1907, a mesa administrativa da Irmandade decidiu comprar o terreno para o “alongamento” do cemitério<sup>4</sup>, já que o espaço existente para sepultamento dos irmãos, no interior do cemitério da Santa Casa, era insuficiente para a demanda de enterramentos. Muito mais do que “alongar” o cemitério, a Irmandade dava o primeiro passo na edificação de um cemitério privado que viria a se destacar, na década de 1930, como uma das mais importantes necrópoles católicas da cidade e um dos mais modernos da América Latina. A inauguração do cemitério, ou do chamado “Novo Cemitério” ocorreu no início de 1909, com grande solenidade, com participação de autoridades civis e eclesiásticas, bem como de outras irmandades da cidade<sup>5</sup>. Era a consolidação de um antigo ideal, movido, entre outros motivos, pelo

<sup>3</sup> Estas mudanças urbanas não eram exclusivas de Porto Alegre, mas devem ser entendidas no contexto republicano brasileiro de modernidade (MACEDO, 1973: 81-84), que previam uma série de melhorias técnicas, arquitetônicas, sanitárias e médicas, mas também de mudanças nas condutas, valores, comportamentos e expectativas sociais (WADI, 2002 e PESAVENTO, 2008).

<sup>4</sup> Irmandade São Miguel e Almas - ISMA, Ata, 25 julho 1907, fl. 5.

<sup>5</sup> ISMA, Ata 29 abril 1909, f. 17. O jornal *Correio do Povo*, em 24 de abril de 1909, assim noticiou: “realizar-se-á amanhã a benção, pelo Sr. bispo diocesano, do novo cemitério que a irmandade de Sr. Miguel e Almas fez construir à estrada das Águas Mortas. A cerimônia começará, às 9 horas da manhã, havendo missa, rezada, na respectiva capela, pelo revd. padre Nicolau Marx, cura da catedral. Afim de assistirmos ao ato, que se revestirá de toda solenidade, recebemos delicado convite, assinado pelo Sr. Felippe de Paula Soares, escrivão daquela associação religiosa”. Disponível em: <http://www.cpovo.net/jornal/A114/N206/HTML/Seculo.htm>. Acessado em 01/03/2013. Interessante notar ainda que, neste mesmo ano, a Beneficência Portuguesa também inaugurou o seu cemitério, que fazia divisa com o de São Miguel. No dia 26 de outubro de 1909, o jornal *Correio do Povo* assim se pronunciou: “Novo cemitério - A Sociedade Portuguesa de Beneficência mandou construir à estrada das Águas Mortas, um cemitério privativo, com 40 metros de frente e mais de 100 de fundos. O novo

sentimento religioso dos irmãos, os quais intencionavam, como destacou o irmão Eduardo Duarte em 1931, “suavizar” a dor dos familiares “nos momentos extremos”, acompanhando os irmãos mortos à “morada eterna” e “dando-lhes sepultura cristã”<sup>6</sup>.

O cemitério teve seu espaço físico ampliado em ritmo acelerado acompanhando o crescimento urbano e demográfico da cidade<sup>7</sup>. Novo e com padrão estético moderno da época, ganhou logo crescente demanda, especialmente por parte das tradicionais famílias católicas, que incluíam muitas famílias de imigrantes italianos.

O novo campo santo surgia como uma alternativa interessante aos católicos mais abastados que desejavam assinalar a diferenciação social na morte ou que gostariam de garantir um enterro católico em local exclusivamente cristão, sacro e abençoado pela hierarquia eclesiástica, considerando que a secularização dos cemitérios<sup>8</sup> foi uma efetiva característica republicana implementada pela Constituição de 1891. O processo de secularização dos cemitérios caracterizou-se pelo fim da ingerência da Igreja Católica sobre os mesmos que, além de públicos, tornaram-se livres a todos os cultos religiosos, sendo regulados pelas municipalidades.

Outro fator importante a ser considerado para compreender o rápido sucesso do cemitério era que o mesmo se apresentava como uma possibilidade dos católicos expressarem, na morte, sua crença e devoção a São Miguel, o Arcanjo que – na tradição cristã ocidental – era responsável por conduzir as almas após a morte, além de auxiliar nos últimos instantes de vida, momentos de conflitos dos moribundos com os demônios e suas tentações. O cemitério sob a proteção do Arcanjo, então, era uma garantia de auxílio espiritual para as almas dos falecidos.

---

cemitério, que foi construído pelo conhecido arquiteto Sr. José Correia Evangelista, está dividido em 5 quadros, sendo um para os sócios beneméritos, um para os benfeitores e outros para os contribuintes. Anteontem, às 8 horas da manhã, o Sr. bispo diocesano, d. Claudio José, acompanhado de seus secretários, procedeu à cerimônia da benção do novo cemitério. Em seguida, na capela de S. Miguel, o rev. padre Nicolau Marx resou missa, assistida pela respectiva irmandade, pelo comendador Antonio Francisco de Castro, presidente da Beneficência Portuguesa, pelos demais membros da diretoria dessa sociedade e representantes da imprensa”. Disponível em <http://www.correiodopovo.com.br/Impresso/?Ano=115&Numero=26&Caderno=0&Noticia=47285>. Acessado em 01/03/2013.

<sup>6</sup> ISMA, Ata, 29 janeiro 1932, fl. 165v.

<sup>7</sup> Porto Alegre cresceu em ritmo proporcionalmente similar a São Paulo entre 1900 e 1920 e praticamente quadruplicou em 40 anos. Em 1900 eram 73 mil habitantes; em 1920, 179 mil; em 1940, 275 mil. (FORTES, 2004: 42).

<sup>8</sup> Sobre o processo de secularização da morte no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro ver RODRIGUES, 2005. Para o México e a “privatización de lo religioso”, ver VALDÉS, 2009.

Aos anseios dos católicos ultramontanos<sup>9</sup>, o cemitério da Irmandade apresentava-se como satisfação e contentamento, pois a Igreja reformadora criticava veementemente a secularização dos cemitérios, defendendo o controle eclesiástico sobre os mesmos como um direito católico, tal como ocorria no Império. O campo santo da Irmandade, embora privado – administrado por uma instituição religiosa leiga – era um elemento de força no empenho eclesiástico de manter certo controle sobre as práticas fúnebres de seus fiéis.

A partir destas considerações, o presente artigo tem como principal objetivo conhecer quem eram os fiéis católicos porto-alegrenses que procuravam a Irmandade e o Cemitério São Miguel e Almas, ou seja, quem eram esses sujeitos cristãos vivos e mortos de Porto Alegre que receberam enterro em campo santo exclusivamente católico. Desse modo, buscamos apresentar alguns indivíduos, procurando conhecer o que faziam na cidade, onde atuavam, que profissões exerciam, como se relacionavam, traçando um perfil social desses sujeitos, identificando um panorama geral da composição social da Irmandade, tanto dos irmãos oficiais e mesários quanto dos sócios e daqueles que eram apenas sepultados, os mortos, os irmãos de corpo presente<sup>10</sup>. A intenção é esclarecer quem eram os sujeitos irmanados e quem eram os mortos enterrados no cemitério, que segmento social eles representavam e quais as suas atuações na cidade de Porto Alegre, de modo a conhecer os interesses de um grupo que mantinha relações confessionais e associativas e que partilhavam das mesmas práticas religiosas.

A identificação dos mesários e demais irmãos foi possível a partir do cruzamento dos documentos presentes no Arquivo da própria Irmandade, principalmente dos Livros de Atas (1907-1916 e 1916-1933), Índice do Cemitério Velho, o Livro de Entrada de Irmãos (1915-1938) e Livro de Perpetuidade de Terrenos, bem como a partir das referências localizadas no *Almanack Laemmert, Administrativo*,

---

<sup>9</sup> O ultramontanismo foi uma reação da Igreja, a partir do papado de Pio IX (1846-1878) contra as novas ideias – desvinculadas da religião – que surgiam com força na Europa oitocentista, especialmente os nacionalismos, o racionalismo e o liberalismo. Baseando-se nas encíclicas *Quanta Cura* e *Syllabus* (1864) e no Concílio Vaticano I (1870), a Igreja divulgou instruções aos fiéis e ao clero para a reafirmação da moral católica e para a consideração da infalibilidade papal. A bibliografia sobre Ultramontanismo é vasta, mas já realizamos reflexão a esse respeito em outro momento, conforme pode-se ver em: TAVARES, 2008.

<sup>10</sup> A Irmandade usou inúmeras vezes a expressão “corpo presente” nas primeiras décadas do século XX, vindo a defini-la no seu compromisso de 1946 como uma “categoria de irmãos”: “Art. 7º - Existe ainda a categoria especial de irmãos de corpo presente, constituída pelas pessoas que ingressarem na Irmandade depois de falecidas”. ISMA, Compromisso e Regulamento, 1946, art. 7º, p. 06.

*Mercantil e Industrial*<sup>11</sup> publicado na capital da República, Rio de Janeiro, disponível *online*, como parte do acervo digital da Fundação Biblioteca Nacional. Sem a menor intenção de fazer uma prosopografia<sup>12</sup> do segmento social majoritário que compunha a Irmandade e o cemitério, buscamos uma amostra desse grupo a partir dos perfis sociais e profissionais de determinados indivíduos que conseguimos identificar tanto nos próprios documentos, quanto na bibliografia. Pelo fato de muitos nomes figurarem no *Almanack Laemmert* já é possível perceber que se tratavam de pessoas com posição superior na hierarquia social da época.

O Índice do Cemitério Velho é um documento que traz em ordem alfabética a relação dos mortos e seus respectivos túmulos (sepulturas, catacumbas e divisões) ocupados no “Cemitério Velho” utilizado pela Irmandade até a década de 1940, mesmo quando já possuía o cemitério novo. Importante frisar que este livro continuou sendo utilizado pela Irmandade mesmo após a fundação de seu novo cemitério, o que dificulta, por exemplo, uma identificação precisa do número de sepultamentos realizados no período anterior ao “Novo Cemitério”. Também é impossível precisar se o referido documento registra os enterramentos realizados desde 1866 quando adquiriu aquele espaço no cemitério da Santa Casa, pois não há qualquer indicativo de datações. Do mesmo modo, não é possível determinar o ano em que iniciaram os registros, mas é possível verificar a existência de túmulos de indivíduos mortos nas primeiras décadas do século XX, justamente porque o “Cemitério Velho” continuou sendo utilizado.

O Livro de Entrada de Irmãos (1916-1938) refere-se exclusivamente ao registro de novos sócios e de sujeitos mortos – corpos presentes – destinados ao “Novo Cemitério”. Essa fonte torna-se interessante, pois permite traçar um perfil social dos vivos e dos mortos, a partir de 1915 no “Novo Cemitério”, constando nos registros não apenas os nomes dos novos sócios, mas também os irmãos de corpo presente. Todos os registros trazem “notas” que indicam o valor pago pela entrada e o nome do irmão proponente, trazendo, portanto, indicativos das relações extra-Irmandade mantidas entre os indivíduos, que, muitas vezes, compartilhavam experiências em outras instâncias sociais.

---

<sup>11</sup> Este *Almanack* traz informações e dados oficiais sobre cada estado brasileiro na Primeira República, inclusive sobre as capitais.

<sup>12</sup> Estudo das características comuns de um grupo, investigação do passado de uma determinada coletividade; também chamado de biografia coletiva. Ver: HEINZ, 2006.

O Livro de Perpetuidade de Terrenos é um documento que apresenta o nome da pessoa ou instituição responsável pela perpetuação, a data, o tamanho do terreno, o valor (nem sempre destacado), os nomes dos sepultados, a data do sepultamento, além de conter um espaço reservado para observações.

Metodologicamente, em relação à análise destas fontes, optamos por tentar identificar quem eram os sujeitos enterrados sob os auspícios da Irmandade sem diferenciar, necessariamente, se o mesmo enterro ocorreu no “Velho” ou no “Novo Cemitério”, por não ser esta diferenciação relevante ao objetivo deste artigo.

Os sócios vivos e os indivíduos falecidos e enterrados no São Miguel pertenciam a um grupo – religioso – e estavam ligados pelo compartilhar das mesmas práticas, experiências, sentimentos – também religiosos. Ao investigarmos alguns desses sujeitos, nos interrogamos sobre suas profissões, sobre suas diferentes atuações na cidade de Porto Alegre, suas redes de relações para “desenhar”, de modo contextual, o “horizonte social dos atores” e para definir a dinamicidade de seus interesses (CERUTTI, 1998: 183).

Primeiramente apresentam-se alguns irmãos que gerenciavam a Irmandade, os oficiais e mesários, procurando destacar as profissões e outras atividades desenvolvidas na cidade; depois, procura-se identificar o perfil de alguns indivíduos associados ao longo das primeiras décadas do século XX, bem como os mortos enterrados no cemitério; por fim, busca-se traçar a composição étnica dos vivos e mortos que ingressaram na Irmandade e no cemitério São Miguel e Almas.

### **A Mesa Administrativa**

Os membros que administravam a instituição, a provedoria, em geral, eram indivíduos que ocupavam cargos públicos e políticos ou que mantinham seus próprios negócios comerciais ou industriais na cidade. Bem relacionados socialmente, muitos ocupavam cargos de prestígio como presidentes, chefes, tesoureiros em suas áreas de atuação e ainda participavam de diversas instituições – políticas, literárias, beneficentes, etc – porto-alegrenses. Alguns eram negociantes, exportadores, “capitalistas” (forma como se identificavam), industriais, proprietários de pequenos empreendimentos (como armazéns, relojoarias, açougues, casas funerárias), outros eram profissionais liberais ou ainda funcionários públicos municipais. Ocupar cargo administrativo na Irmandade exigia e concedia certos prestígios. Alguns sócios eram convidados a compor a administração como mesários, e assim tornavam-se elegíveis para os cargos oficiais

(provedor, vice-provedor, procurador, escrivão). Uma vez ocupando três vezes o mesmo cargo de modo consecutivo na mesa administrativa, o irmão podia se tornar jubilado, possuindo assim, um maior poder simbólico nas decisões de mesa, maior prestígio entre os irmãos e poder de voto nas reuniões de mesa conjunta, momentos em que eram decididas as principais prerrogativas da instituição.

Foi possível identificar alguns desses sujeitos que ocuparam a provedoria da Irmandade. Antônio Luis Postiga exerceu o cargo de provedor da Irmandade em 1900-1901, era português da cidade de Póvoa de Varzim e um destes “capitalistas” cujo ramo desconhecemos. Em Porto Alegre, Postiga se casou com a brasileira Mercedes Martins, e com o auxílio do sogro, teria feito “sua fortuna”. Depois, voltou a Portugal para militar no partido republicano português, sendo eleito vereador entre 1911-1913 e 1914-1916. Lá adquiriu terreno e construiu sua casa, um “elegante edifício” nas palavras do jornal *O Comércio da Póvoa de Varzim*, porém devido a conflitos políticos acabou retornando ao Brasil em 1919 e também à Irmandade<sup>13</sup>. Outro homem de negócios foi Manoel Dias Campos, provedor entre 1904 e 1906, proprietário do estabelecimento “Café América” em Porto Alegre, bem localizado à Rua Sete de Setembro, seu estabelecimento comercializava café e vinhos portugueses<sup>14</sup>. Já Antônio Joaquim Alves da Silva, provedor de 1906 até 1909, era tesoureiro da Secretaria de Intendência Municipal, em 1918, no governo de José Montauray<sup>15</sup>. Ernesto Theobaldo Jaeger, provedor entre 1912 e 1915, era, no final do século XIX, major-fiscal do 8º batalhão de infantaria, presidente do Club de Oficiais da Guarda Nacional em 1914, e em 1918 era

---

<sup>13</sup> Em meio a estas disputas políticas e eleitorais, Postiga teve sua casa manchada com excrementos ou “lama asquerosa” em 1919. A intenção de Postiga, segundo o jornal *O Comércio da Póvoa de Varzim*, era oferecer sua residência, num tempo futuro, à cidade para servir de asilo, escola ou oficina. Atordoado com os “brutos desta natureza” de “infame conduta” tomou uma resolução “inabalável”: vender seu imóvel e mudar-se novamente para o Brasil. Após a venda doou quinhentos escudos ao Club Naval Povoense em maio de 1919. No dia 27 de setembro do mesmo ano embarcou em Lisboa rumo a Porto Alegre. Sendo Postiga, de uma “fé ardente” associou-se novamente à Irmandade São Miguel e Almas, ocupando aí o cargo de tesoureiro. Muitos outros membros da família Postiga estiveram presentes na Irmandade. Sobre Antonio Luis Postiga em Portugal, ver Universidade de Coimbra, Portugal, Biblioteca Geral, Jornal *O Comercio da Povo de Varzim*.

<sup>14</sup> Publicidade no Almanak Laemmert, Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1913. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=52233&pesq=&esrc=s>. Acessado em 06 nov. 2012. Também notícias no Correio do Povo de 11 julho 1912. Disponível em <http://www.correiodopovo.com.br/Impresso/?Ano=117&Numero=285&Caderno=0&Noticia=442389>. Acessado em 06 nov. 2012.

<sup>15</sup> Publicidade no Almanak Laemmert, Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1918. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=71552&pesq=&esrc=s>. Acessado em 06 nov. 2012.

Secretário-diretor-geral da “Chefatura de polícia” de Porto Alegre<sup>16</sup>; foi também administrador em comissão da Casa de Correção da cidade<sup>17</sup>; como jornalista, exerceu atividade no jornal *O Conservador*, do qual foi diretor entre 1879 e 1889<sup>18</sup>. Emílio José Pacheco, provedor entre 1920 e 1923, foi presidente da Associação Comercial dos Varejistas, cargo exercido pelo menos entre os anos de 1909<sup>19</sup> e 1913<sup>20</sup>. Percebe-se que nesta primeira década após a fundação do cemitério, os provedores eram sujeitos ligados ao comércio e à política, possivelmente homens de posses e de certo prestígio social e político.

A diretoria era anualmente eleita, por isso muitos se mantiveram no poder por mais de uma gestão. O irmão Luís da Rocha Faria, ocupou seis mandatos de provedor, entre 1909 e 1912 e entre 1917 e 1920. Faria era também membro do Centro Republicano, localizado da rua General Câmara<sup>21</sup>. Sobre os outros dois provedores da década de 1920, Avelino dos Santos Souza (1923 a 1926) e César Azambuja (1926 a 1929) não temos muitas informações, mas sabe-se que exerciam, ao menos em 1917, a profissão de despachante<sup>22</sup>.

Sobre os provedores da década de 1930, temos também poucos indícios de suas atuações sociais. Entre 1929 e 1932, o provedor foi Antônio Gomes Pires Júnior; entre 1932 e 1935, Felipe de Paula Soares, que desde os anos 1920 exercia a função de fiscal dos impostos de consumo no município<sup>23</sup>. Entre 1935 e 1936, o provedor foi Manoel Ferreira Moreira. Por fim, entre 1937 e 1940, Arlindo de Oliveira Porto, que possuía, ao menos em 1929, armazém de secos e molhados na Rua Lima e Silva<sup>24</sup>. Depois a Irmandade passou a ser administrada pelo longo mandato de Albino Dreyer, que

---

<sup>16</sup> Disponível em <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/1661185/dou-secao-1-20-08-1895-pg-1> e Almanak Laemmert, Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1918 <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=71554&pesq=&esrc=s>. Acessado em 06 nov. 2012.

<sup>17</sup> Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul – APERS, Processo 174, 01/01/1923, Porto Alegre.

<sup>18</sup> MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 1978, p. 281.

<sup>19</sup> Disponível em <http://www.correiodopovo.com.br/jornal/A114/N157/html/Seculo.htm>. Acessado em 06 nov. 2012.

<sup>20</sup> Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=71559&pesq=&esrc=s>. Acessado em 06 nov. 2012.

<sup>21</sup> <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=47725&pesq=&esrc=s>. Acessado em 19.12.2012

<sup>22</sup> <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=47725&pesq=&esrc=s>. Acessado em 19.12.2012.

<sup>23</sup> <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=47725&pesq=&esrc=s>.

<sup>24</sup> <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=47725&pesq=&esrc=s>. Acessado em 19.12.2012.

REPRESENTATIVIDADE SOCIAL DA IRMANDADE E CEMITÉRIO SÃO MIGUEL E ALMAS NA SECULARIZADA E REPUBLICANA CIDADE DE PORTO ALEGRE/RS

ingressou em 1922, com 32 anos e esteve à frente como provedor de 1940 a 1969, ano de sua morte.

Na imagem abaixo, ilustrativa, pois da década de 1960, pode-se ver a composição de uma mesa administrativa tendo os irmãos oficiais sentados juntamente com o capelão, e os demais mesários de pé. O capelão era monsenhor João Balém<sup>25</sup>, sentado, de batina preta e o provedor, Albino Dreyer, provavelmente o de branco sentado no centro da mesa.

Imagem 01: Mesa Administrativa I



Fonte: ISMA (Irmandade São Miguel e Almas), Década 1960, “Fotos Ávila”

Os administradores da instituição eram “homens de letras”, bem relacionados socialmente, como fica evidenciado na imagem abaixo, onde percebemos sentado bem ao centro da foto, a presença de Arquimedes Fortini, um famoso jornalista da cidade, nascido em 1887 e falecido em 1973. Fortini era natural da Argélia e irmão da São

---

<sup>25</sup> “Mons. Dr. João Maria Bento Balém” assim se apresenta: “nasceu aos 10 de abril de 1887 na cidade de Caxias, paróquia de Santa Tereza, sendo filho legítimo de Francisco Balém e de d. Maria Ângela Conte, neto paterno de Donato Balém e Joana Sandi, e materno de Benevenuto Conte e Filomena Bedin. Fez seus estudos ginásiais no colégio do São José do Perecí Novo, de filosofia no Seminário de Porto Alegre, e de teologia em Roma, onde tirou o grau de doutor. Em Roma recebeu o presbiterato no dia 28 de outubro de 1911. Em outubro de 1912 foi nomeado Secretário Particular de D. Cláudio José, e em dezembro do mesmo ano de D. João Becker. Em 1913 foi nomeado Subsecretário do Arcebispo e Coadjutor da N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> Madre de Deus. Em 1914 foi nomeado Secretário do Arcebispo e Capelão da Arquiconfraria de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Rosário, e no mesmo ano foi nomeado Capelão do Divino Espírito Santo e Diretor do Jornal *A Atualidade*. Em data de 22 de janeiro de 1916 foi nomeado primeiro Vigário de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Glória, e Cônego Catedrático em 1916. A 20 de fevereiro de 1920 foi nomeado Diretor das Obras da nova Catedral de Porto Alegre, e em 1928 Vigário de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> Madre de Deus e Cura da Catedral. Em 1935 foi nomeado Vigário de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Glória e a 31 de dezembro de 1936, Vigário de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> Madre de Deus e Cura da Catedral” (BALÉM, 1941:83-84).

Miguel desde 1932, quando tinha, então, 45 anos. Segundo o historiador Charles Monteiro (2006: 332), ele estava radicado em Porto Alegre desde 1889. Foi professor da Escola de Jornalismo, atuou no *Correio do Povo*, *Jornal do Comércio* e *Folha da Tarde*, usando como pseudônimos “Balbino” e “Coruja Rosa”, sendo autor de diversas obras de caráter religioso e histórico, como por exemplo, *O Poder da Fé em Santo Antônio* (1925), *O 75º aniversário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul* (1950), *Revivendo o Passado* (1951), *O Passado através da fotografia, crônicas ilustradas* (1959), *Porto Alegre através dos Tempos* (1962) e *Histórias de Nossa História. Porto Alegre: 1900-1965* (1966), *Viagem Sentimental, Cívica e Espiritual* (1968), entre outras (MARTINS, 1978: 227; VILLAS-BÔAS, 1974: 201).

Imagem 02: Mesa Administrativa II



Fonte: ISMA, Década 1960, “Fotos Ávila”.

Alguns irmãos mesários da São Miguel participavam de outras instâncias associativas da cidade. O irmão português Chrisogono Pinto Leitão, ingresso em 1923 e morto em 1937, era em 1910 também membro da diretoria da Caixa de Socorros “Patria luzitana”<sup>26</sup>. O irmão José Cirne Candiota, jubilado em 1937, participava como tesoureiro do Centro Sul-Riograndense em 1929<sup>27</sup>. O irmão Dorival Vieira da Rocha, eleito procurador em 1932, no ano de 1911 atuava como secretário da Associação

<sup>26</sup><http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=47725&pesq=&esrc=s>. Acessado em 19.12.2012. Segundo Adhemar da Silva Júnior a “Caixa de Socorros Pátria Luzitana” teve atuação em Porto Alegre entre 1905 e 1910 (SILVA JÚNIOR, 2004: 570).

<sup>27</sup><http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=47725&pesq=&esrc=s>. Acessado em 19.12.2012.

Comercial dos Varejistas<sup>28</sup>. É muito provável, portanto, que os irmãos se cruzassem em outros espaços institucionais, profissionais, filantrópicos, associativos e de sociabilidade da cidade. Logo, as experiências individuais tornavam-se, segundo Simona Cerutti (1998: 185), a “tradução subjetiva da condição objetivamente vivida e compartilhada pelos membros do mesmo grupo”.

Outros eram pequenos empreendedores, funcionários públicos, comerciantes e profissionais liberais. O irmão José Antônio Porcello, mesário na década 1930 e procurador nos anos 1940, no ano de 1907 possuía em Porto Alegre um estúdio fotográfico<sup>29</sup>. O irmão João Ferlini, sócio desde 1916 e mesário em 1930, era engenheiro civil e foi professor na Escola de Engenharia da UFRGS (MARTINS, 1978: 210), residia na Rua dos Andradas, no centro da cidade, desempenhando cargo de auxiliar na Comissão de saneamento, águas e esgotos em 1909<sup>30</sup>; possuía ações na sociedade mutualista *A Provisora*<sup>31</sup>. Abílio de Carvalho Bastos foi irmão mesário em 1934 a 1936, e em 1907 possuía comércio de secos e molhados “com especialidades” no Campo da Redenção<sup>32</sup>. O irmão Waldemar Barbedo, mesário em 1937, era dentista, possuía consultório na Rua Andradas no ano de 1921<sup>33</sup>. João Maissonave ingressou em 1917, morreu em 1942. Em 1906 tinha loja de secos e molhados na Rua Lima e Silva<sup>34</sup>. Não apenas variadas eram as profissões exercidas pelos irmãos que ocupavam cargos administrativos, como diferentes eram as socializações culturais de cada indivíduo.

Em geral, a Mesa Administrativa da Irmandade, era formada por homens distintos, de segmentos médios e elevados da sociedade porto-alegrense republicana, que uma vez irmanados, estavam ligados aos mesmos projetos e às mesmas motivações: gerenciar um cemitério, discutir normas, regulamentos e estatutos, cultuar São Miguel, propor novos sócios e garantir a si e aos seus familiares um enterro cristão. Ao mesmo tempo em que tinham atividades individuais distintas, pois em diferentes esferas da vida

<sup>28</sup> <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=47725&pesq=&esrc=s>

<sup>29</sup> <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=47725&pesq=&esrc=s>. Acessado em 19.12.2012.

<sup>30</sup> <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=47725&pesq=&esrc=s>

<sup>31</sup> Segundo Villas-Bôas (1991:87), João Ferlini nasceu em Porto Alegre no dia 10 de fevereiro de 1884, com data de morte desconhecida, foi autor da obra *Notas teórico-práticas da resistência dos materiais – compilação*. 1ª ed. Porto Alegre: Ed. Globo, 1950, 420p.

<sup>32</sup> <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=47725&pesq=&esrc=s>. Acessado em 19.12.2012.

<sup>33</sup> <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&PagFis=79034&Pesq=Waldemar%20Barbedo>. Acessado em 19.12.2012.

<sup>34</sup> <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=30158&pesq=&esrc=s>. Acessado em 21.12.2012.

social (CERUTTI, 1998: 189), todos mantinham suas inter-relações na Irmandade e compartilhavam práticas religiosas desempenhadas na associação. Cabe verificar agora, quem eram os indivíduos associados que foram sepultados no Cemitério São Miguel e Almas.

### **Os vivos e os mortos**

O Índice do Cemitério Velho aponta o nome do morto, o número do túmulo e a ordem ou quadro na qual estava enterrado. Além dos enterramentos, para os casos de transladações de restos mortais, o Índice indica somente o número da carneira. Este documento não apresenta a data de sepultamento, nem a profissão do morto, exceto para os membros das Forças Armadas, cujo registro indica a classe ocupada na hierarquia militar ou eventualmente a sigla “Dr.” após alguns nomes, um bom indício para designação de juízes, advogados, médicos, engenheiros e dentistas. De todo modo, não há qualquer elemento que possibilite identificar facilmente os sujeitos ali sepultados. Excetuando “doutores”, militares e alguns religiosos, em nenhum outro documento foi possível encontrar facilmente a menção à profissão. Não encontramos um critério metodológico claro e conciso para estabelecer um marco a fim de conhecer com absoluta clareza o perfil social e profissional a que pertenciam os mortos sepultados no cemitério<sup>35</sup>. Por isso, tal como fizemos para identificar os provedores e alguns mesários, buscamos cruzar os nomes com a bibliografia e com o *Almanack Laemmert, Administrativo, Mercantil e Industrial*.

Para visualizar melhor o quadro de enterramentos, buscamos tabular os dados desse livro, com intenção de encontrar subsídios a fim de compreender a representatividade social do grupo que compunha a Irmandade no final do século XIX e início do XX. Quando falamos “grupo social”, estamos conscientes da heterogeneidade do mesmo, sem restringir o seu entendimento a um determinado segmento profissional ou a um padrão de renda. O “grupo” eram os indivíduos que formavam a Irmandade, que partilhavam as mesmas práticas, assim como a parcela populacional que no seu cemitério foi enterrada. Estamos analisando, portanto, aqueles com padrão financeiro

---

<sup>35</sup> A dificuldade do historiador em especificar perfis profissionais de determinados grupos sociais está ligada ao tipo de fonte utilizada. O mesmo foi constatado por Ramón Cózar ao analisar testamentos da Espanha do século XVIII (GUTIÉRREZA, RUIPÉREZ, 2009: 247-273). Identificar sujeitos não é trabalho fácil. O historiador Paulo Moreira (2003: 111) no seu trabalho em busca de dados sobre a trajetória dos membros da Sociedade Emancipadora Rio Branco de Porto Alegre, já assinalava a dificuldade em função da fragmentação das fontes.

capazes de arcar com as despesas fúnebres e, acima de tudo, aqueles que buscavam garantir um funeral cristão-católico<sup>36</sup>.

Dentre os túmulos, nota-se uma preferência por sepulturas. Do total de 1312 registros de túmulos, 863 eram sepulturas, 298 catacumbas, 86 carneiras e 65 divisões. A preferência por sepulturas se justifica por ser esta caracterizada pelo enterro no chão, mais tradicional à época, comum e, à primeira vista, mais econômica. Apenas na década de 1930 é que a sepultura começa a ser questionada, embora não tenha deixado de ser um tipo de enterro muito praticado. Ser enterrado em catacumba ou carneira passa aos poucos a ser encarado como enterro mais higiênico e moderno, representando, assim, um novo modo de encarar a morte que se firmou a partir de meados do século XX, mais individualizado e menos publicizado e solene. No entanto, era sobre a sepultura que se erguiam grandes construções, exaltando uma estética da morte que conferia dimensão memorial ao finado, tão apreciada no início do século XX.

O registro total de indivíduos enterrados ultrapassa o número de túmulos registrados. Isso ocorria porque havia casos de funerais conjuntos, quando duas pessoas podiam ser enterradas juntas ao mesmo tempo, como foi o caso do comerciante de secos e molhados Antonio Fernandes Granja<sup>37</sup> e sua esposa Néria. Ou casos em que o túmulo poderia servir de abrigo para mais de um defunto da mesma família em momentos diferentes. Nem sempre, um túmulo individual correspondia a um único sujeito enterrado, a um gênero ou a um casal, podendo ser destinado a “restos” familiares, como foi o caso da família Otton Cezar na sepultura 06 e da família de Luís Xavier do Vale, na carneira 21. Ou ainda casos em que o registro era de terrenos para edificação de capelas mortuárias. No Índice aparecem os terrenos de números 3, 4, 7 e 8, respectivamente destinados aos restos mortais de Alípio César, Carlos Alberto Corrêa, Manuel Luís Postiga e Antonio Manuel de Araújo.

Embora mais comuns, os túmulos, não eram apenas sepulturas e catacumbas, sendo também divisões. As divisões não eram subclassificadas em “ordens” ou “quadros” e eram espaços tumulares destinados a crianças falecidas. Nem todas as crianças mortas, porém, eram enterradas em “divisões”, sendo algumas – talvez as

---

<sup>36</sup> Para o México do final do século XIX, Alma Valdés destacou as expectativas dos funerais “decentes” por parte das gentes “de bien”, cujos elementos materiais funerários se convertiam em símbolos de prestígio e distinção (VALDÉS, 2009: 154).

<sup>37</sup> Em 1902 possuía estabelecimento comercial na rua Bento Martins, 65. <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=23882&pesq=&esrc=s>. Acessado em 20.12.2012.

maiores – destinadas a sepulturas. Apenas um caso de enterro em divisão não foi possível definir se se tratava de infância, apontando apenas o nome, Leila Amélia, provavelmente, uma jovem. As divisões, além de crianças também comportavam “fetos”, o que reforça a hipótese de que essas sepulturas eram destinadas a “anjos”. A mortalidade infantil era elevada nas primeiras décadas do século XX – 6% do total de enterramentos registrado no Índice –, às vezes, dois irmãos eram sepultados, de uma única vez, no mesmo túmulo (divisão), como foi o caso de Augusto e Odorico, talvez gêmeos, filhos do fazendeiro do Quarto distrito, Heitor Carvalho<sup>38</sup>.

Há de se destacar que em torno de 5% dos homens sepultados no “Cemitério Velho” eram membros das Forças armadas, especialmente oficiais, ou seja, altas patentes militares. Todavia é quase impossível identificar se os mesmos pertenciam à Marinha ou ao Exército, pois muitas vezes indicava-se apenas o genérico “tenente”. As patentes que se destacavam eram marechal, general, coronel, tenente-coronel, major, capitão, primeiro-tenente<sup>39</sup>. O desejo de destaque na morte através de grandes jazigos, para este grupo, fica evidenciado quando se percebe que destes 26 indivíduos, 18 foram enterrados em sepulturas, 7 em catacumbas e um em carneira. Em outras palavras, era a sepultura que permitia o embelezamento e o erguimento de um mausoléu, de decoração com elementos de arte cristã e monumentos em homenagem à memória dos mortos.

Os militares não eram majoritários, mas foram mais facilmente identificados. Membros da elite sul-riograndense – não apenas da cidade de Porto Alegre – uma parcela dos sujeitos sepultados no São Miguel, no final do XIX e início do XX, eram, em vida, senhores de escravos, alguns já adeptos das “boas ações” do período, como a concessão de liberdade aos cativos. Foi o caso de Augusto Álvaro que, em 1883,

<sup>38</sup> Fazendeiro em 1907, <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=23882&pesq=&esrc=s>. Acessado em 20.12.2012. O quarto distrito é formado pelos bairros Floresta, São Geraldo, Navegantes, Farrapos e Humaitá. Ver FORTES, 2004.

<sup>39</sup> Marechal João Cândido Jaques, Marechal Gustavo Adolpho Brazil, General Hermes Gomes Taurinho, Vice-Almirante Alfredo Luciano de Abreu, Coronel Bráulio de Oliveira Brandão, Coronel Braz Odorico Alves Teixeira, Coronel Cândido Rufino Borges da Fonseca, Coronel Júlio C. Carneiro da Fontoura, Coronel Francisco Carvalho da Silva, Coronel Manoel Francisco Moreira Sobrinho, Tenente-Coronel Anphiloquio de Azevedo, o Tenente-Coronel Luiz Manoel Silva Daltro, Tenente-Coronel Raymundo Nunes Pereira, Major Luiz Menques de Souza, Major Juvenal Joaquim, Major João Baptista Ramos, Major Olíbio Affonso, Capitão Alexandre Argollo Mendes, Capitão Argemino Souto, Capitão Antonio Julio da Fontoura, Tenente Alexandre Hermes de Almeida, Tenente Vicente Ferreira da Fonseca, Tenente João da Costa Lima, Tenente Octávio de Lima e Silva, o Primeiro-Tenente Anatólio Backel, o Segundo-Tenente Leonel Mendes.

libertou quatorze escravos que herdara de seu sogro<sup>40</sup> e Antônio Felix de Bittencourt, que em 1874 assinou a carta de liberdade do escravo de Silvana Maria Velloso (SILVA, 2011:19), por ser esta plenamente analfabeta.

Também funcionários públicos faziam parte do quadro de sujeitos católicos enterrados no cemitério, como por exemplo, Affonso Guedes da Fonseca Araújo, que era oficial na Administração dos Correios, em Porto Alegre no ano 1879<sup>41</sup>. E Álvaro Dias Netto que era “praticante” neste mesmo ano também no serviço postal. Profissionais liberais, como Domingos de Lima Moreira, português, 33 anos, de profissão “marítimo”, foi naturalizado em 1862, por se encontrar há nove anos residindo no Brasil<sup>42</sup>. Outros funcionários públicos também foram identificados já no período republicano, indivíduos que ocupavam cargos na administração da intendência municipal e que figuravam entre os sepultados. No governo de José Montauray, em 1905, Albino da Rocha Faria era inspetor municipal na seção de higiene e Assistência pública<sup>43</sup>. Estevam Augusto de Oliveira, em 1912, era membro efetivo da Comissão central de Assistência Judiciária do Ministério da Justiça e do Interior<sup>44</sup>. Ludovico de Araújo Costa era fiscal da limpeza pública no município em 1916<sup>45</sup>.

Muitos comerciantes urbanos, um grupo intermediário na escala social, foram enterrados no cemitério, como José Teixeira da Motta, que era comerciante de secos e molhados em 1893<sup>46</sup>. Leonorino Trindade, que em 1912 era proprietário de um armazém no centro da cidade, chamado “Casa Carioca”<sup>47</sup>. Honório Mariante que era comerciante, com loja de instrumentos musicais na Rua Andradas<sup>48</sup> e estava presente nas crônicas de Aquiles Porto Alegre como um daqueles sujeitos que faziam parte dos

---

<sup>40</sup> Jornal Mercantil, Petrópolis, ano XXVII, 27.06.1883. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=376493&pagfis=2594&pesq=&esrc=s>. Acessado em 18.12.2012.

<sup>41</sup> Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1891-1940, Estado do rio Grande do Sul, <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=36689&pesq=&esrc=s>

<sup>42</sup> [http://www.geneall.net/P/forum\\_msg.php?id=10771](http://www.geneall.net/P/forum_msg.php?id=10771).

<sup>43</sup> <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=40125&pesq=&esrc=s>

<sup>44</sup> Idem.

<sup>45</sup> Almanack... <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=71553&pesq=&esrc=s>

<sup>46</sup> Almanack... <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=42488&pesq=&esrc=s>

<sup>47</sup> Correio do Povo, 14 janeiro 1912. Disponível em <http://www.correiodopovo.com.br/Impresso/?Ano=117&Numero=106&Caderno=0&Noticia=381172>. Acessado em 18.12.2012.

<sup>48</sup> Almanak... <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=52204&pesq=&esrc=s>

“ternos de Reis” nas festas juninas, referidos como “gente desta estofa”<sup>49</sup>, para caracterizar uma possível “distinção” social.

Outros sujeitos, outros grupos urbanos, talvez de uma parcela que poderíamos incluir na categoria de “trabalhadores”, não figuravam na Irmandade e no cemitério, considerando que apenas um foi localizado e identificado como “trabalhador”. Trata-se do telegrafista e encarregado da estação do Taim, Valeriano Penedo da Fonseca. Membro da Sociedade Beneficente União Filhos do Trabalho, Valeriano deixou de ser funcionário de telégrafo em 1906, por “estado de desequilíbrio mental”, segundo o relatório daquela sociedade. O trabalhador morreu talvez no final de 1907, e a viúva requisitou auxílio “o benefício a que tinha direito”, talvez uma indenização ou auxílio funeral<sup>50</sup>, ao qual a sociedade concedeu.

Profissionais liberais e estudantes também constavam no Índice. Miguel Saldanha da Costa era presidente da federação dos estudantes de Porto Alegre e estudante do terceiro ano de Engenharia, em 1910<sup>51</sup>; o jornalista e escritor Apelles José Gomes Porto Alegre, falecido em 1917. Esse jornalista foi também professor, tendo fundado uma escola em 1870, o Colégio Rio-Grandense, em Porto Alegre; membro do Partido Federalista do Rio Grande do Sul, foi redator e diretor dos jornais *A Imprensa* e *A Reforma*, membro do *Centro Literário de Porto Alegre* e um dos fundadores da *Academia Rio-Grandense de Letras* e da *Sociedade Parthenon Literário*, da qual colaborou em todos os números de sua revista literária (MARTINS, 1978: 451; SILVEIRA, 2008: 33). Seus irmãos, Apolinário Porto-Alegre e Aquiles Porto-Alegre, também foram renomados escritores, cronistas e jornalistas<sup>52</sup>.

Tal como no Índice, no Livro de Entrada de Irmãos identificamos muitos militares, como Coronel e negociante Evaristo Lopes dos Santos, o Tenente-Coronel João da Cunha Silveira e o Major José Cesário Lopes de Oliveira, mortos respectivamente em 1917, 1918 e 1919.

---

<sup>49</sup> PORTO ALEGRE, Aquiles. História Popular de Porto Alegre. Porto Alegre: Prefeitura municipal, 1940, p. 97. Apud: MONTEIRO, 2006: 275.

<sup>50</sup> RELATÓRIO da Sociedade Beneficente União Telegráfica. De novembro de 1907 a outubro de 1908. Porto Alegre: Off. Gráficas da Livraria Americana, 1908, p. 5-6. Apud. SILVA JÚNIOR, 2004: 232-233.

<sup>51</sup> Nesse ano, Miguel Costa assassinou sua noiva, Antonieta de Brito, de 18 anos e cometeu suicídio. O jornal carioca, *Correio da Manhã*, de 17 de março de 1910, noticiou o “Noivado de Sangue”, como um acontecimento que “enlutou a bela metrópole rio-grandense”. A menina, de família distinta e conceituada, era filha do Dr. Vitor de Brito, médico “oculista” da Faculdade de Medicina. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842\\_02&pagfis=805&pesq=&esrc=s](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_02&pagfis=805&pesq=&esrc=s). Acessado em 18.12.2012.

<sup>52</sup> Sobre a família Porto Alegre, seu prestígio e reconhecimento político no século XIX em Porto Alegre, ver SILVEIRA, 2008: 33-34.

Conforme já destacamos, muitos mortos foram identificados a partir da sigla “Dr”, geralmente indivíduos de elevado prestígio social, em geral professores, médicos, dentistas, engenheiros que além de suas profissões, exerciam muitas vezes cargos políticos. Entre estes casos, localizamos o nome do Dr. João Guilherme Ferreira, que era cirurgião dentista da Brigada Militar de Porto Alegre em 1912<sup>53</sup>; o médico Possidoro Mancio da Cunha Júnior que final do século XIX, foi secretário do Interior e Exterior do Estado do Rio Grande do Sul, a quem eram apresentados os relatórios do Hospício São Pedro, sendo também sócio empreendedor da Companhia Telefônica Riograndense em 1908 (WADI, 2000) e ainda o Dr. Henrique Riedel, dentista, um dos fundadores da Faculdade de Odontologia da UFRGS. Em 04 de setembro de 1910, o jornal *Correio do Povo* noticiava que o “retrato” do “falecido” Dr. Riedel estava exposto na vitrine da *Photographia Ferrari* e era fruto de encomenda da faculdade de Medicina para figurar no seu “salão de honra”<sup>54</sup>. E ainda Ernesto Alves Pereira de Miranda que foi diretor do Hospital Militar de Porto Alegre<sup>55</sup>.

Em 1917, foi sepultado o francês Henri Bonnet<sup>56</sup>, que atuava como professor de italiano em uma escola comercial da cidade; também Gherardo Lubisco<sup>57</sup>, professor de escrituração num curso de guarda-livros; e ainda, João Maria Paldaoff, um dos “pioneiros da indústria vinícola da região colonial italiana”, como se percebe nas

---

<sup>53</sup> Notícia do Correio do Povo de 09 de maio de 1912 tratando de “desastre de automóvel” da Brigada em que o Dr. João Guilherme Ferreira viajava pode ser conferido em: <http://www.correiodopovo.com.br/impresao.aspx?Noticia=420614>. Acessado em 01 nov. 2012.

<sup>54</sup> Disponível em <http://www.correiodopovo.com.br/Impresso/?Ano=115&Numero=339&Caderno=0&Noticia=191919>. Acessado em 01 nov. 2012.

<sup>55</sup> [http://www.hmapa.okweb.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=50&Itemid=59](http://www.hmapa.okweb.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=50&Itemid=59). Além destes, entre 1917 e 1921 localizamos o médico Affonso de Aquino, e ainda: Dr. João Martins França, Dr. Augusto Álvaro da Cunha, Dr. Fábio R. Barreto Leite, Dr. José Vaz Bento, Dr. Luiz Carlos Coelho, Dr. Manoel Conceição Montojjos, Dr. Tancredo Pitta Pinheiro, Dr. Amélio de Bittencourt Jr., Dr. Ramiro Marques D’Ávila, Dr. Jorge Pinto, advogado Waldmar Wiedmann Borges Fortes.

<sup>56</sup> Henri Bonnet chegou ao Rio de Janeiro em meados do século XIX. Mas resolveu mudar-se para o sul do Brasil em função do clima mais ameno. Embarcou em navio de imigrantes italianos, onde conheceu Rosa Maggi que viria a ser sua esposa e mãe dos seus 14 filhos. No sul, em 1875 estabeleceu-se no interior de Caxias do Sul onde construiu uma grande propriedade de pedra e barro transformada em armazém de secos e molhados. Em 1892 o casal passou a viver em Porto Alegre. A casa de Bonnet hoje é um ponto de referência turística do patrimônio histórico da imigração. Disponível em <http://www.correiodopovo.com.br/Impresso/?Ano=117&Numero=79&Caderno=0&Noticia=372231>. Acessado em 03 nov. 2012.

<sup>57</sup> O professor ministrava aulas de escrituração e cálculo, conferindo cursos de guarda-livros. Sua escola ficava na rua dos Andradas, próximo à rua Bento Martins. Sua morte ocorreu em 19 de abril de 1917, possivelmente vítima da gripe espanhola, como se pode concluir lendo a notícia da morte de sua neta Nêmora Lubisco Graeff, na sessão “Obituário” do jornal *Zero Hora* de 02 fev. 2012. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/obituario/nemora-lubisco-graeff-36381.html> e <http://www.correiodopovo.com.br/Impresso/?Ano=117&Numero=8&Caderno=0&Noticia=345805>. Acessado em 03 nov. 2012.

inscrições que contêm o monumento intitulado *Estátua da Liberdade* na praça Dante Alighieri na cidade de Caxias do Sul<sup>58</sup>.

Políticos também fizeram parte do quadro social ou foram simplesmente enterrados no cemitério, como o político Tristão José de Fraga, prefeito de Viamão a partir de 1889, morto e sepultado em 1898. Ou Manoel Cerqueira Daltro Filho, em 1938, uma eminente autoridade política, militar e ex-governador do Rio Grande do Sul em 1937, quando foi nomeado interventor no Estado Novo, ao qual a Irmandade ofereceu carneira perpetuada<sup>59</sup>. Do mesmo modo que a Irmandade concedeu uma ordem de catacumba perpetuada ao político, é possível inferir que outras pessoas e/ou autoridades políticas, tenham sido enterradas no cemitério por concessão perpétua realizada por amigos, colegas ou vizinhos<sup>60</sup>. O engenheiro e político Ildo Meneghetti, era irmão da São Miguel, tendo logo garantido a perpetuação de um jazigo em 1936, aos 41 anos de idade<sup>61</sup>. Posteriormente, assumiria dois mandatos de prefeito de Porto Alegre e dois de governador do Rio Grande do Sul entre os anos 1940 e 1960 (MARTINS, 1978: 363).

De modo geral, era muito comum a procura pelo cemitério por compadres, parentes e amigos de irmanados. Geralmente eram as relações interpessoais que agregavam os irmãos, familiares de moribundos ou enfermos em proximidade de morte, como foi o caso de Ramiro Fortes Barcellos que, em 11 de janeiro de 1916, dezoito dias antes de sua morte, ingressou como sócio pagando 100 mil réis de entrada e remissão, a partir da indicação do irmão Manoel Luiz Postiga. Ramiro Barcelos era médico, professor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre e chefe de Clínica Cirúrgica da

---

<sup>58</sup> Segundo o semanário daquela cidade, *O momento*, de 24 de maio de 1947, Paldaoff era um dos nomes que “incentivaram o desenvolvimento da rendosa indústria [do vinho] com as tradicionais festas regionais da uva. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=104523&pagfis=3607&pesq=&esrc=s>. Acessado em 18.12.2012.

<sup>59</sup> ISMA, Ata, 31 janeiro 1938, fl. 11. Na falta de uma representação da própria Irmandade sobre a definição de túmulo perpétuo, utiliza-se aqui a referência jurídica à perpetuação, conforme, cremos, era também utilizada na época: perpetuação é entendido como um direito de “usar, gozar, fruir e dispor da coisa” de modo complexo, absoluto, perpétuo e exclusivo, porém com limitações. O jazigo perpétuo, não é um direito imperecível e eterno, mas de longa duração, uma propriedade *ad tempus*, que pode se extinguir se não “há mais titular do direito para exercer o *jus sepulchri*, que cumpra a obrigação de pagar as despesas de conservação da sepultura, que cultue a memória dos defuntos”. Tais fatos, uma vez comprovados, acarretam “a recuperação do domínio sobre esse bem pela entidade que o vendeu para aquele fim determinado”. SILVA, vol. II, 2000: 154.

<sup>60</sup> Marie-Pascale Malle percebeu este fenômeno na França após 1930. Concessões perpétuas eram oferecidas pelos amigos, vizinhos, colegas de trabalho, colegas de lazer, o que acabava por favorecer um enterro perpétuo a sujeitos menos favorecidos socialmente como policiais, carteiros, vendedores e trabalhadores em geral. MALLE, 1983: 64.

<sup>61</sup> ISMA, Livro de Perpetuidade de Terrenos I, fl. 12v.

Santa Casa, mas teve uma profícua carreira entre o final do XIX e início do XX enquanto político (secretário da fazenda do estado, senador, deputado estadual e deputado federal), jornalista (um dos diretores do jornal *Novo Mundo* [1883] e redator do *A Federação* [1884]) e escritor no Rio Grande do Sul, autor de inúmeras obras de medicina e poesia satírica (MARTINS, 1978: 66; VILLAS-BÔAS, 1974: 49). Idosos também buscavam associação ou eram indicados, talvez como meio de garantir seu túmulo visto a proximidade natural da morte. Foi o caso de Israel Affonso de Azambuja que ingressou em 1930 aos 81 anos, morrendo um ano depois com carneira perpetuada; entre os anos 1908 e 1910 havia sido “conductor” na Diretoria estadual de obras públicas<sup>62</sup>. Joaquim Saturnino dos Santos Paiva ingressou como irmão em 1925, aos 67 anos, já viúvo, e morreu dez anos depois. Em 1911 era capitão cirurgião da Guarda Nacional<sup>63</sup>.

Além destes intelectuais, médicos, jornalistas e militares do meio urbano, também alguns sujeitos da zona rural procuravam a Irmandade. Em 1916, por exemplo, uma bem sucedida estancieira da cidade de Quaraí, Leopoldina da Cunha Correa, mãe de 18 filhos<sup>64</sup>, procurou garantir a perpetuidade de catacumbas, fato compreensível devido ao fato de a família ser numerosa e o risco de morte inesperada, maior. Interessante destacar a dificuldade em se identificar qualquer informação sobre mulheres sepultadas. Raramente os registros da Irmandade faziam quaisquer menções específicas sobre as mulheres, geralmente referidas como “esposas de” ou “viúvas de”. Neste último caso, às vezes, mencionava-se alguma observação sobre perpetuação, concessões ou pedido de auxílio. Em geral, o silenciamento das fontes em relação às mulheres indica a própria condição a elas reservada na sociedade, pois dificilmente figuravam na cena política, bem como não tinham participação no gerenciamento de instituições, agremiações, associações, etc.

Em geral, homens casados ingressavam como irmãos acompanhados de suas esposas. Em 1919, Salvador Capparelli, 48 anos e a esposa, Gasparina Neves Capparelli, idade não informada, tornaram-se irmãos da São Miguel. Salvador era

---

<sup>62</sup><http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=36684&pesq=&esrc=s>. Acessado em 20.12.2012.

<sup>63</sup><http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=68084&pesq=&esrc=s>. Acessado em 20.12.2012.

<sup>64</sup> Livro de Perpetuidade de Terrenos I, fl. 200. Dados sobre Leopoldina, disponíveis em: <http://www.geocities.ws/tyrteuv/ensaio/guer/dezfor.htm>. Acessado em 25 novembro 2011.

estacionário do telégrafo estadual<sup>65</sup>, sendo também mesário da Irmandade em 1928. Em 1921, o casal Otávio de Araújo Costa e Amélia de Lorenzi Costa ingressaram como irmãos; muito religiosos e devotos da Virgem, estiveram presentes no movimento mariano que culminou na Capela de Nossa Senhora do Brasil, no morro de Santa Tereza, em 1924. A imagem que se encontra nesta capela atualmente – uma réplica feita em gesso – foi doada pelo casal, juntamente com outros fiéis. Otávio e Amélia teriam inclusive batizado a filha de Maria do Brasil em homenagem à santa<sup>66</sup>. Também no ano de 1921, Angelino Torres Meira, 34 anos, ingressou com a esposa, Dora Ferreira da Costa Meira, 26 anos. Consta que Angelino possuía um estabelecimento de “fazendas e miudezas” na Rua Marechal Floriano<sup>67</sup>. Braz Giraffa associou-se em 1922, aos 31 anos, com sua esposa Semirames Ribeiro Giraffa, 22 anos. Giraffa era joalheiro no município de Dom Pedrito entre 1902 e 1906<sup>68</sup>. Prudente de Oliveira Castro, ingressou com sua esposa, Aldina Pacheco de Castro, em 1923. Castro era médico e professor na *Faculdade de Ciências e Medicina Homeopática do Rio Grande do Sul* em 1916<sup>69</sup>. Danton Jacques de Seixas, 35 anos, juntamente sua esposa, Acydalia Silva Seixas, 34 anos, ingressaram em 1923. Danton era proprietário de um Laboratório Químico de produtos veterinários na Rua Gonçalves Dias<sup>70</sup> e possuía um escritório na Rua Andradas, em 1921. João Baptista Rodrigues Velhinho ingressou na Irmandade em 1923, com 50 anos, casado com Maria da Glória Silveira Velhinho. Em 1896, na cidade de Santa Maria foi inaugurado o “Prado Santamariense”, do qual Velhinho era um dos diretores (BELTRÃO, 1968). João Ketzer Filho, açougueiro em 1925<sup>71</sup>, ingressou como irmão em 1929, aos 51 anos, com sua esposa, Ambrosina Ketzer, de 54 anos. Manoel Carriconde ingressou em 1929, aos 26 anos, casado com Jenny Carriconde, de 20 anos. Em 1935, Manoel era despachante em Porto Alegre<sup>72</sup>. Esequiel Ubatuba ingressou em 1928, aos 48 anos, com a esposa Jovina Ferreira Ubatuba, de 42 anos. Ubatuba era

<sup>65</sup><http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=111823&pesq=&esrc=s>.

Acessado em 21.12.2012.

<sup>66</sup>Um histórico da Igreja Nossa Senhora do Brasil em <https://sites.google.com/site/igrejansbrasil/historico>. Acessado em 21.12.2012.

<sup>67</sup>Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=82768&pesq=&esrc=s>. Acessado em 21.12.2012.

<sup>68</sup> Idem.

<sup>69</sup> Idem.

<sup>70</sup> Idem.

<sup>71</sup>Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=91941&pesq=&esrc=s>. Acessado em 20.12.2012.

<sup>72</sup> Idem.

advogado, engenheiro civil, agrônomo, diplomata, jornalista e escritor; fez parte da comissão responsável pela implantação do Instituto Livre de Belas Artes do Rio Grande do Sul, em 1908. Neste ano, Ubatuba era secretário do Presidente do Estado e foi também secretário do referido Instituto até o ano de 1919 (WINTER, 2008: 125-219; MARTINS, 1978: 596; VILLAS-BÔAS, 1991: 253).

Além dos casais, também comumente procuravam associar-se indivíduos viúvos(as), o que pode indicar tanto uma busca por espaços de sociabilidade e interação quanto por receio de desenvolvimento de doenças, de invalidez e de solidão na proximidade da própria morte. Em 1918, ingressou o irmão Fernando Brochado de Oliveira, viúvo, então com 50 anos. Brochado participou da Irmandade e também de outras associações. Era sócio fundador na categoria “solidário” da Sociedade Filatélica Riograndense, em 1931, uma associação destinada ao conhecimento e experiências sobre filatelia, numismática, cartofilia e outras formas de colecionismo<sup>73</sup>. Em 1925, associou-se a viúva Maria José da Cruz Paranhos, de 45 anos; nessa época, Maria, uma mulher talvez doente, sofreu exame pericial por profissionais de medicina, cujos laudos foram publicados na Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina entre 1927 e 1928 (PETRINI; WADI, 2011: 2023). Esses laudos apontam que a própria viúva dizia sentir vertigens e amnésias e os resultados dos peritos apontam para “demência”, debilidade mental e anormalidade (PETRINI; WADI, 2011: 2027). Maria José Paranhos morreu em 1930 e possuía túmulo perpetuado no cemitério São Miguel e Almas. Outro viúvo a associar-se já idoso, com 67 anos, em 1925, foi o jornalista Joaquim Saturnino dos Santos Paiva, que atuou como capitão-cirurgião na Guarda Nacional em 1915 e participou, já em idade avançada, da Irmandade do Divino Espírito Santo e do *Parthenon Literário*<sup>74</sup>, vindo a morrer em 1938 aos 80 anos.

Realizada esta identificação de alguns dos sujeitos católicos, assinaladas algumas funções exercidas na cidade e atuações em outros espaços sociais, bem como traçado um perfil social destes que ingressaram como sócios na Irmandade e que foram enterrados no Cemitério São Miguel e Almas nas primeiras décadas do século XX, cumpre verificar o levantamento das nacionalidades dos irmãos, realizado a partir do

---

<sup>73</sup> <http://www.sfrg.com.br/site/category/historico/fundadores>. Acessado em 21.12.2012.

<sup>74</sup> <http://www.portaldodivino.com/nobrasil/origem.htm> e <http://memoria.bn.br/DocReader/hotpage/hotpageBN.aspx?bib=313394&pagfis=68084&pesq=&esrc=s&url=http://memoria.bn.br/docreader> Acessado em 21.12.2012.

Livro de Entrada de Irmãos, com objetivo de identificar a composição étnica da instituição.

### Perfil étnico

A Irmandade contou também com um número significativo de imigrantes de variadas etnias, em geral bem sucedidos socialmente e moradores do ambiente urbano, em seu quadro de irmãos e de mortos enterrados no cemitério. O Livro de Entrada de Irmãos indica a naturalidade dos associados, o que tornou possível aferir minimamente um perfil étnico da Irmandade. Desse modo, contabilizamos as nacionalidades e organizamos na forma da seguinte tabela:

Tabela – Composição étnica da Irmandade\* (%)

Ano	Brasileira	Italiana	Portuguesa	Espanhola	Alemã	Francesa	Outros*
1916	81,69	10,56	0,70	4,92	0,70	1,40	2,10
1917	86,35	4,54	3,89	1,94	1,29	0,64	1,92
1918	83,45	8,27	3,75	2,25	-	-	2,25
1919	71,56	21,10	2,75	-	-	1,82	2,74
1920	71,75	16,79	3,05	1,52	0,76	2,29	3,90
1921	80,51	16,88	-	-	1,29	-	1,29
1922	76,19	10,47	6,66	-	0,95	-	5,71
1923	83,75	9,37	2,5	1,25	0,62	0,62	1,88
1924	80,36	10,49	3,06	3,68	-	-	2,45
1925	73,21	15,47	4,16	1,78	1,78	-	3,58
1926	81,29	12,23	2,87	1,43	1,44	0,72	-
1927	75,61	16,26	4,87	0,81	-	0,81	1,62
1928	75,00	16,07	5,35	-	-	-	3,57
1929	78,22	12,90	2,42	0,80	1,61	-	4,03
1930	79,44	11,21	3,74	0,93	-	-	4,67
1931	74,61	16,92	1,54	2,30	1,54	-	3,07
1932	72,45	12,24	4,08	1,02	-	1,02	9,18
1933	77,01	17,24	1,15	1,15	-	1,15	2,29
1934	82,20	13,55	1,69	-	0,84	0,84	0,85

\* Outras nacionalidades: uruguaia, argentina, venezuelana, inglesa, belga, austríaca, suíça, sueca, síria, húngara, argeliana, polonesa, belga, russa.

Fonte: ISMA, Livro de Entrada de Irmãos

Observando a tabela é possível verificar, portanto, que o índice de brasileiros variou de 71% a 86% entre os anos 1916 e 1934. Também se ressalta a quantidade significativa de sujeitos italianos que ingressaram na Irmandade e/ou foram enterrados no cemitério neste período. Em 1919 eles superavam 20% do total de irmãos. Tal

---

\* Inclui vivos e mortos.

presença significativa de italianos é justificada pela forte imigração que neste período se verificou em Porto Alegre e pela crença católica de boa parte desse grupo imigrante (POSSAMAI, 2005). O historiador Artur Rambo destacou a chegada dos salesianos italianos ao estado em 1901 – entre muitas outras ordens e congregações europeias – que, somadas ao contingente de imigrantes católicos, vinham reforçar o projeto de Restauração Católica, sendo muito afeitos ao associativismo<sup>75</sup>. Ainda que com variações e com a frequência constante de portugueses, os italianos foram a única etnia cujo enterro ou ingresso de irmãos se mantiveram constante e em número expressivo durante o período 1916-1934.

A imigração era elevada e o destino da maioria dos trabalhadores estrangeiros eram as colônias do interior do estado. O encaminhando dos mesmos era feito pelo inspetor federal de imigração, Armando Ferrugem. O jornal *Correio do Povo* noticiava em 04 de julho de 1930: “ultimamente tem sido grande o movimento de imigrantes aqui chegados”<sup>76</sup>. Alguns se estabeleciam na cidade, como o “Sr. Rocco”, Nicolau Rocco, proprietário da “Confeitaria Rocco”<sup>77</sup>. E muitos outros permaneciam no centro urbano, em geral, comerciantes e empresários, que ingressavam na Irmandade ou buscavam funeral cristão aos seus entes queridos falecidos.

O italiano Piero Sassi ingressou como irmão em 1930, aos 40 anos, quando em Porto Alegre exercia a função de “exportador de cereais”<sup>78</sup>; Sassi possuía terreno para mausoléu quando morreu em 1962. Já o casal italiano César Pianetti, 33 anos, e Theresa Pianetti, 36 anos, associou-se em 1919; possuíam, na cidade, um estabelecimento chamado “Café Brasil”<sup>79</sup>. Em 1920, o italiano Felipe La Porta, de 65 anos, ingressou com a esposa, Ernestina Meirelles La Porta, de 43 anos e o filho, Felipe Orofino La Porta, de 14 anos; a família administrou uma Casa de câmbio na Rua do Comércio pelo

---

<sup>75</sup> Como a maioria dos imigrantes estabeleceram-se em áreas rurais, sua religiosidade foi organizada em torno de paróquias comunitárias, com autoridade religiosa do pároco e através de associações de devoção como Coração de Jesus, Apostolado da oração e Congregações marianas (RAMBO, 2002: 293-294). Arrisco dizer que para aqueles italianos que se estabeleceram em Porto Alegre e organizaram sua vida no meio urbano, participar de irmandades ou ao menos ser enterrado em cemitério cristão eram alternativas importantes no estabelecimento de vínculos sociais e na garantia da prática fúnebre no ritual católico. No entanto, creio ser este um tema a ser pesquisado, ou seja, a sociabilidade religiosa e a morte de imigrantes na cidade.

<sup>76</sup> *Correio do Povo*, 04 julho 1930, n. 215, p. 6. Apud. BRUM, Rosemary. Caderno de Pesquisa, p. 271.

<sup>77</sup> *Correio do Povo*, 03 janeiro 1931, ano XXXVII, n.2, p.4. Apud. BRUM, Rosemary. Caderno..., p. 272.

<sup>78</sup> <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=23882&pesq=&esrc=s>. Acessado em 20.12.2012.

<sup>79</sup> <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=79029&pesq=&esrc=s>. Acessado em 21.12.2012.

menos entre 1907 e 1922<sup>80</sup>. La Porta pertencia, em 1914, à Sociedade de Pecúlios e dotes por mutualidade *A Provisora*, de Porto Alegre, sendo identificado na lista de subscritores de ações como comerciante, morador na Praça Senador Florêncio, nº 11. Após a morte de Felipe, em 1940, Ernestina contraiu segundas núpcias – que mereceu registro da Irmandade – pois a viúva teve o nome alterado para Ernestina Meirelles Muratore. O italiano Rogério Fava era proprietário de uma “firma” comercial na Av. Júlio de Castilhos (BRUM, 2009: 271); associou-se em 1921, aos 49 anos, com sua esposa, Maria Lettrari Fava, de 47 anos. Entre 1917 e 1940, Rogério Fava aparece na lista de “Comissões, consignações, representações e conta própria” do *Almanack Administrativo, Mercantil e Industrial*, com estabelecimento na Rua Voluntários da Pátria<sup>81</sup>. No mesmo ramo e também na mesma rua, atuava o outro irmanado em 1921, Adolpho de Freitas Eifler, brasileiro, 44 anos e sua esposa Abrilina Mohr Eifler, de 41 anos.

Em 1918 foi sepultado o italiano Joaquim Difini, com então 82 anos. Talvez pai do Joaquim Difini que foi diretor do conselho deliberativo e fiscal do jornal *Correio do Povo*, em 1925 (BRUM, 2009: 181), membro do conselho do clube de tiro em 1934 (BRUM, 2009: 198) e presidente do Sport Club Internacional, em 1949.

Já o alemão naturalizado brasileiro Sebastião Wolf, ingressou com a esposa, Maria Wolf, em 1918. A família Wolf foi uma das precursoras do *Centro Cultural e Desportivo Tiro 4* e incentivadora da atividade de Tiro esportivo no estado. Sebastião Wolf foi um dos mais famosos atletas dessa categoria e dirigente do clube. Entre 1910 e 1920 participou de vários eventos nacionais e internacionais, conquistando alguns prêmios<sup>82</sup>. Além disso, era, na época, “empresário”, proprietário de uma fábrica de biscoitos<sup>83</sup>. Wolf morreu em 1936 e na sua carneira então perpetuada também foi sepultada a esposa dez anos depois.

Percebe-se, então, que boa parte dos imigrantes ou estrangeiros residentes em Porto Alegre que participaram da Irmandade ou no seu cemitério foram sepultados,

<sup>80</sup><http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=33217&pesq=&esrc=s>. Acessado em 21.12.2012.

<sup>81</sup><http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=118364&pesq=&esrc=s>. Acessado em 21.12.2012.

<sup>82</sup>[http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=4&cad=rja&ved=0CEkQFjAD&url=http%3A%2Fwww.fme.com.br%2Finformativo%2Fgaleria\\_honra%2Fsebastiao\\_wolf.doc&ei=34bUUJ\\_kGI6HhQexpoDIBA&usq=AFQjCNFREk-bO0zupLcJw\\_D\\_Sxb2oA1qXA&bvm=bv.1355534169,d.ZG4](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=4&cad=rja&ved=0CEkQFjAD&url=http%3A%2Fwww.fme.com.br%2Finformativo%2Fgaleria_honra%2Fsebastiao_wolf.doc&ei=34bUUJ_kGI6HhQexpoDIBA&usq=AFQjCNFREk-bO0zupLcJw_D_Sxb2oA1qXA&bvm=bv.1355534169,d.ZG4). Acessado em 21.12.2012.

<sup>83</sup><http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pagfis=47725&pesq=&esrc=s>. Acessado em 19.12.2012.

exerciam atividades comerciais no meio urbano. Além do constante e razoável registro de italianos e portugueses, percebe-se a recorrência, ainda que mínima, de indivíduos espanhóis, alemães, franceses e muitos outros em quantidade menos expressiva.

### **Últimas considerações**

Em função dos custos de adesão, associação, além dos arrendamentos e perpetuações de túmulos, a Irmandade e o cemitério tornavam-se, naturalmente, espaços seletivos socialmente. Nem todos os católicos dispunham de recursos econômicos para a filiação associativa em uma Irmandade dedicada às práticas fúnebres e um cemitério que exigia significativos investimentos na locação, no erguimento e na manutenção dos túmulos. Pobres em geral, miseráveis, operários, trabalhadores ou agenciadores raramente tinham representatividade entre os irmãos ou mesmo estavam presentes nas fontes que registram os índices com os nomes dos indivíduos sepultados. No entanto, alguns irmãos quando em estado de indigência ou ex-funcionários sem condições financeiras, recebiam enterro gratuitamente, e a Irmandade cumpria sua função assistencial, conforme estabelecia seu compromisso, o estatuto de funcionamento.

O grupo irmanado e sepultado pertencia a determinadas categorias sociais mais elevadas e de declarada confissão católica. Representantes de outras confissões religiosas como judeus, espíritas e protestantes não eram aceitos, uma vez que ingressar na Irmandade ou ser sepultado no cemitério exigia preliminarmente professar a fé católica.

Pela leitura e análise realizada na documentação consultada, nos livros de Registros Diários, no Índice do Cemitério Velho e no Livro de Entrada de Irmãos percebeu-se a forte participação de políticos, funcionários públicos, jornalistas, militares, comerciantes, profissionais liberais, etc. Portanto, a Irmandade e o cemitério atenderam aos interesses de uma parcela economicamente abastada da cidade de Porto Alegre. Estes interesses eram, logicamente, o de dispor de local considerado ideal para o enterro, mas passavam fundamentalmente pelo caráter religioso do campo santo. Um cemitério exclusivamente cristão em ambiente secularizado acabava por ser um diferencial importante aos católicos mais interessados em assumir para si e para os seus familiares a garantia de um enterro tradicional em local sagrado, especialmente para imigrantes europeus, dentre os quais se destacavam os italianos. O cemitério da

Irmandade tornava-se um reduto católico, um espaço próprio de solidariedade religiosa cristã no momento da morte ante a secularização cemiterial republicana.

Essa especificidade do cemitério era o fator que determinava a coesão do grupo irmanado e que evidenciava o perfil religioso do mesmo, embora não seja possível estabelecer um padrão rígido e homogêneo na definição de um perfil econômico-social. A Mesa Administrativa, os irmãos mesários, os sócios em geral e os irmãos de corpo presente atuavam em diversas instâncias sociais na cidade e exerciam profissões diversificadas. Mesmo sem especificar ou investigar níveis de renda, pode-se perceber que os associados encontravam-se entre os moradores do ambiente urbano da cidade e que dispunham de um padrão de vida mais abastado.

Para os católicos ligados à Irmandade e ao cemitério São Miguel e Almas nas primeiras décadas do século XX, o enterro em espaço privado foi um fator de coesão e aglutinação daqueles que acreditavam e atribuíam importância à dimensão sagrada da sepultura. Na república secularizada e na cidade cada vez mais desenvolvida econômica e urbanisticamente, o cemitério católico São Miguel e Almas expressava a negação da morte na vivacidade dos túmulos e jazigos imponentes que iam sendo construídos, destinados a imortalizar a memória do morto, que só os indivíduos mais abastados podiam pagar.

#### **Referências bibliográficas:**

BAKOS, Margaret M. **Porto Alegre e seus eternos intendentos**. Porto Alegre: EDIPUC, 1996.

BALÉM, Mons. João Maria. **A primeira Paróquia de Porto Alegre**: Nossa Senhora Madre de Deus (1772-1940). Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1941.

BELTRÃO, Romeu. **Cronologia Histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho 1787-1933**. Vol I. Santa Maria: Editora Pallotti, 1958.

BRUM, Rosemary Fritsch. **Caderno de Pesquisa**. Notícias de imigrantes italianos em Porto Alegre, entre 1911 e 1937. São Luís: Edufma, 2009.

BRUM, Rosemary Fritsch. **Uma cidade que se conta. Imigrantes italianos e narrativas no espaço social da cidade de Porto Alegre nos anos 20-30**. São Luiz: Edufma, 2009.

CERUTTI, Simona. Processo e experiência: indivíduos, grupos e identidades em Turim no século XVII. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, p. 173-202.

FORTES, Alexandre. **Nós do Quarto Distrito**: a classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas. Caxias do Sul: Educ; Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

GUTIÉRREZA, Ramón Cózar e RUIPÉREZ, Francisco de Borja. La muerte ante la Batalla. Actitudes religiosas y mentalidades colectivas en Almansa a principios del siglo XVIII, **Cuadernos de Historia de España**, LXXXIII, UBA, Buenos Aires, 2009.

HEINZ, Flávio M. (org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

MACEDO, Francisco Riopardense. **Porto Alegre, história e vida da cidade**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1973.

MALLE, Marie-Pascole. Le cimetiere Saint-Pierre D'Aix-em-Provence. In: VOVELLE, Michel e BERTRAND, Régis (org). **La Ville des Morts. Essai sur l'imaginaire urbain contemporain d'après les cimetières provençaux**. Paris: Centre Nacional de La Recherche Scientifique, 1983.

MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1978.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas**: história e memória da cidade. Porto Alegre: Edipuc-rs, 2006.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. **Os cativos e os homens de bem**: experiências negras no espaço urbano. Porto Alegre – 1858-1888. Porto Alegre: Est edições, 2003.

PETRINI, Abigail Duarte; WADI, Yonissa Marmitt. Idas e vindas através da fronteira da normalidade: loucura, gênero e vida civil em processos de interdição da década de 1920. **Anais do I Seminário Internacional História do Tempo Presente**. Florianópolis: Udesc, Anpuh-SC, 2011, p. 2018-2032.

PESAVENTO, Sandra. **Os sete pecados da capital**. São Paulo: Hucitec, 2008.

PORTO ALEGRE, Aquiles. **História Popular de Porto Alegre**. Porto Alegre: Prefeitura municipal, 1940.

POSSAMAI, Paulo. **“Dall'Italia siamo partiti”**: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo: UFP, 2005.

RAMBO, Arthur. Restauração Católica no Sul do Brasil. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 36, p. 279-304, 2002.

SILVA, Justino Adriano Farias da. **Tratado de Direito Funerário**. Vol. II. São Paulo: Método Editora, 2000.

SILVA, Graziela Souza. **Sob influência escrava**. As transformações na relação senhor-escravo a partir de 1871 (1865-1875). TCC, História, UFRGS, Porto Alegre, 2011.

SILVA JR, Adhemar Lourenço da. **As sociedades de socorros mútuos**: estratégias privadas e públicas (estudo centrado no Rio Grande do Sul-Brasil, 1854-1940). Tese de doutorado em História, PUC-RS, Porto Alegre, 2004.

SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo da. **Dois pra lá, dois pra cá**: o Parthenon Litterário e as trocas entre literatura e política na Porto Alegre do século XIX. Dissertação de Mestrado em História, UFRGS, Porto Alegre, 2008.

SOUZA, Célia Ferraz de. **Plano Geral de melhoramentos de Porto Alegre**: o plano que orientou a modernização da cidade. 2 ed. Porto Alegre: Armazém Digital, 2010.

TAVARES, Mauro Dillmann. **Irmandades, Igreja e Devoção no sul do Império do Brasil**. São Leopoldo: Oikos / Unisinos, 2008.

VALDÉS, Alma Victoria. **Itinerario de los muertos en el siglo XIX mexicano**. México, Coahuila: Ed. PYV, 2009.

VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. **Dicionário Bibliográfico gaúcho**. Porto Alegre: Est, 1991.

\_\_\_\_\_. **Notas de bibliografia sul-rio-grandense**: autores. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1974.

WADI, Yonissa Marmitt. **Palácio para guardar doidos**. Uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. Aos loucos, os médicos: a luta pela medicalização do hospício e a construção da psiquiatria no Rio Grande do Sul, **História, Ciências da Saúde-Manguinhos**, v.6, n.3, Rio de Janeiro, Nov. 1999/fev. 2000.

WINTER, Leonardo; BARBOSA JUNIOR, Luiz Fernando; MÂNICA, Sólton Santana. O Conservatório de música do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul: fundação, formação e primeiros passos (1908-1912), **Revista do Conservatório de Música**, UFPEL, Pelotas, n.1, 2008.